

# São Paulo, terra dos seringais

A produção nacional de borracha atingiu, no ano passado, 23 mil toneladas e o País importou, da Malásia, 60 mil toneladas, a um custo de US\$ 42 milhões. Para mudar este quadro, o governo federal deverá aprovar o III Probor (Programa de Incentivo à Borracha Vegetal), que prevê a plantação de 50 mil hectares de seringueiras, com produção estimada, para 1990, de 60 mil toneladas de borracha.

De acordo com Fábio Meirelles, diretor da Divisão de Operações Rurais do Badesp (Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo), "o programa está praticamente aprovado", lembrando que resta à Secretaria do Planejamento — Seplan — definir a divisão de incentivos, o que deve ser feito através de decreto presidencial.

— Com isto, o governo tentará tornar mais técnica e menos política a equalização de recursos — observou Meirelles.

O novo programa oferecerá recursos para cultivo de cinco mil pés de seringueira em São Paulo, que possui seringais desde 77, "apenas como decoração", segundo comentários de industriais do setor de borracha. Até o momento, os investimentos nessa área se restringiram a iniciativas particulares. O último projeto foi desenvolvido por 14 companhias voltadas para a área de artefatos de borracha, com plantio de 30 mil mudas em Butirama (SP). Até o final deste ano, espera-se atingir um total de 70 mil mudas.

Dada a dificuldade no setor, muitas empresas estão procurando incentivos governamentais e, como resposta, o Badesp informa que ofereceu à Sudhevea (Superintendência da Borracha) subsídios técnicos para as operações do III Probor. E reivindicou sua participação como agente financeiro do programa em São Paulo, uma vez que os agentes tradicionais, na Amazônia, são os bancos do Brasil e da Amazônia.

Segundo Jaime Vasquez, especialista em heveicultura do Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo — que produziu em 1981 apenas 270 toneladas de borracha — tem condições de ser auto-suficiente no prazo de 15 anos, caso sejam executados os programas de incentivo à produção.

Para muitos empresários, a perspectiva "é alentadora", uma vez que 85% da borracha consumida pelo País destinam-se às indústrias de artefatos e pneus instaladas no Estado. "As pesquisas mostram que São Paulo tem condições ideais para plantação de seringueiras. Curiosamente, a região menos apropriada para o cultivo, devido à grande umidade, é a Amazônia, onde estão sendo plantados seringais com incentivos do Probor" — afirma Vasquez.

Consideram os industriais paulistas que a produção da borracha em São Paulo traria como resultado garantias dos estoques, diminuição do preço específico e eliminação das despesas de frete, hoje correspondentes a 1,4% de um quilo de borracha.

A Orion Indústria de Artefatos de Borracha, uma das primeiras instaladas no Estado, tentou superar a falta de recursos através de um mecanismo legal, criando a Orion Florestal S/A. Depois, solicitou ao IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) autorização para um projeto de reforestamento com seringueiras, mediante incentivos fiscais.

"O pedido foi indeferido inexplicavelmente" — comenta Daniel Sahagoff, presidente da Orion. "Até agora, o IBDF autorizou reforestamento com laranjais e pinheiros, que também são plantas produtivas."

Não sei por que não aceitam a seringueira, que além de bonita é uma planta altamente lucrativa."

Técnicos do Instituto de Economia Agrícola — IEA —, contradizendo uma idéia difundida no setor de que o plantio da seringueira pode representar concorrência com a área disponível para a produção ali-

mentícia, lembram que esse vegetal nasce nas encostas dos morros e em qualquer tipo de solo, precisando, basicamente, de condições climáticas favoráveis para desenvolver-se.

"Por isso mesmo, São Paulo leva vantagem sobre a Amazônia" — afirmam os técnicos. Aqui o clima é bastante seco em algumas regiões e, assim, as

seringueiras estão isentas dos fungos e pragas, que constituem os maiores problemas de seringais nativos da região Norte. "Além disso" — explicam — "as pesquisas com mutações genéticas, realizadas no Instituto Agronômico de Campinas, garantem à seringueira paulista o dobro de produtividade".



Seringueiras em São Paulo, há cinco anos

Arquivo